

## CARLOS BASTOS MAGARINOS TORRES

Nasceu no Rio de Janeiro a 24 de novembro de 1891. Formou-se, em medicina, em 1918, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e faleceu nesta cidade em 26 de janeiro de 1984.

Ingressou no Instituto Oswaldo Cruz (I.O.C.) em setembro de 1913, como contratado, para servir na Comissão de Profilaxia e Assistência Médica da “Moléstia de Chagas”, no Estado de Minas Gerais.

Em janeiro de 1914 foi contratado como assistente e em agosto de 1918 nomeado assistente interino em substituição ao Dr. Cesar Guerreiro. Finalmente, em 1919, foi nomeado assistente efetivo.

De 1918 a 1923 frequentou o curso ministrado pelo Prof. Bowmann Crowell, anátomo patologista norte-americano, tendo trabalhado como seu assistente durante todo o tempo em que o referido especialista fez parte do quadro técnico do I.O.C.

De 1919 a 1926 foi Chefe de serviço interino, em substituição aos Drs. Arthur Neiva e Alcides Godoy.

Esteve nos Estados Unidos e Canadá, em missão de estudos e aperfeiçoamento de sua especialidade, de 1930 a 1931.

Em agosto de 1931 foi nomeado Chefe de Laboratório. Em 1935, a convite, viajou para a Inglaterra a fim de realizar conferências da “Real Sociedade de Medicina de Londres”. Nessa oportunidade foi recebido, em audiência especial, por Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales.

Em 1942 foi designado Chefe da Divisão de Patologia do I.O.C., cargo que exerceu até 1962, quando foi aposentado.

Foi Professor de Anatomia Patológica do Curso de Aplicação do I.O.C.

De 1945 a 1947 serviu no Instituto de Higiene de Assunção, Paraguai, de conformidade com o convênio cultural entre o Brasil e aquele país.

Publicou 162 trabalhos e dentre eles destacam-se a descoberta das inclusões intranucleares nas células hepáticas nos casos de febre amarela, de grande valor para o diagnóstico da moléstia, e a descrição do primeiro caso de toxoplasmose congênita na literatura universal (1927).

A obra científica de Magarinos Torres é uma das mais completas, variadas e profundas que já tive a oportunidade de compulsar em toda a minha vida. Alcançou praticamente todos os campos da patologia humana e experimental e ainda descreveu vários casos de patologia veterinária, alguns constituindo-se em verdadeiras descobertas.

Publicou o primeiro trabalho em 1913, aos 21 anos de idade, ainda como estudante de medicina, sobre a transmissão da doença de Chagas; seu último trabalho, que conheço, o de número 162, sobre “Aspectos histopatológicos e patogênicos da miocardite chagásica”, foi publicado em 1967, quando já completara 76 anos de idade. Teve, portanto, uma vida científica ativa durante 54 anos ininterruptos.

Discípulo de Gaspar Vianna, foi designado por Joaquim Travassos, então Diretor do Instituto Oswaldo Cruz, para falar, em seu nome, no dia 11 de maio de 1962, durante a inauguração do novo Pavilhão Gaspar Vianna, no I.O.C. Pronunciou, então, uma das mais belas peças de elogio ao seu mestre e uma verdadeira história da Patologia e do próprio Instituto. Essa conferência foi publicada no Boletim da Academia Nacional de Medicina em setembro de 1962 e dela reproduzo alguns trechos que bem definem a personalidade de Magarinos Torres:

“Os trabalhos anátomo-patológicos tiveram início, no Instituto de Manguinhos, com Henrique da Rocha Lima. Após o intervalo resultante de seu afastamento foram eles reiniciados por Gaspar Vianna. A organização da Seção de Anatomia Patológica, em seus moldes atuais, foi, contudo, realizada por Bowmann C. Crowell, em 1918, tendo ele aproveitado os elementos que inicialmente compunham a equipe de Gaspar, completando-a com outras que foram Oswino Alvares Penna, Carlos Burle de Figueiredo e quem vos fala”.

“Porque devemos agradecer, os deste Instituto, à Comissão Oficial Executiva das Homenagens a Gaspar Vianna, a ressurreição deste notável brasileiro?”

“Quanto?, diz Tosca a Scarpia, o qual retruca: “no me vendo a preço de moneta”. Mas ao preço da Glória, facilmente se venderá quem tiver sangue de pesquisador”.

“Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolpho Lutz, Henrique Aragão são, hoje, também, símbolos ou bandeiras das quais lança mão este Instituto, prometendo aos jovens úteis o único preço pelo qual se vendem: a Glória”.

“Àqueles, vem juntar-se mais uma, agora: a bandeira de Gaspar Vianna. Vamos agitá-la, bradando: “Vinde, moças e moços, um dia sereis, quem sabe, um outro Gaspar Vianna, Mártir da Ciência e Benfeitor Máximo da Humanidade”.

Com estas palavras, Magarinos Torres, em seu penúltimo trabalho, dá um exemplo vivo de sua cultura, do amor pela pesquisa a que dedicou toda a sua vida e de uma grande confiança na juventude brasileira.

*J. Rodrigues Coura*